

Visita ao Porto de Marques da Silva: do café Majestic ao café Aviz

16 de Junho de 2012, das 15h, no café Majestic, às 17h, no café Aviz
organização do Clube Unesco da Cidade do Porto com a Fundação Marques da Silva

Outra história: outro Porto, outro Marques da Silva

Rui Jorge Garcia Ramos (Fundação Marques da Silva)



Fig. 2 Avenida do Aliados, Porto, c.1920.
Fotografia Alvão

A arquitetura na passagem do século XIX para o século XX, difundida nas Américas e na Europa, de Nova Iorque a Santiago do Chile, de Paris a Istambul, é marcada pelo **internacionalismo** e vontade de **progresso**.

No final do século XIX Marques da Silva (1869-1947) concluía, em Paris, a formação de arquiteto na *École Nationale et Spéciale des Beaux-Arts*, onde se distingue a frequência do *atelier* Vitor Laloux (1850-1937). Ao ensino canónico *beauxartiano* juntava-se o contacto com uma prática projetual inovadora que, simultaneamente, revia as metodologias de conceção; incorporava novas técnicas perante as exigências construtivas de espaços com grande dimensão; detalhava programas funcionais para o uso massificado; e, sobretudo, partilhava com os engenheiros uma nova perspectiva multidisciplinar do projeto arquitetónico. **Paris, cidade cosmopolita** e referência da modernidade, afirmava-se como centro mundial desta nova arquitetura....

No regresso da sua estadia em Paris, em 1896, desde logo se dedica a projetos significativos como a Estação de São Bento (1896-1911), trabalhando de *motu proprio* até 1899; ou, o bairro operário de "O Comércio do Porto" (1899) onde enfrenta o grave problema do alojamento popular na cidade, tema central da arquitetura do século XX.

A proposta para a Estação de São Bento demonstra bem a convicção presente no início da sua atividade como arquiteto. Por um lado, este projeto traduz os **desafios técnicos** colocados pela circulação dos comboios, do **grande número** de passageiros transportados e das telecomunicações onde, esquisso após esquisso, a **negociação** entre monumentalidade e

funcionalidade acaba por relegar para segundo plano a ideia inicial da fachada principal com uma estrutura metálica e vidro. Por outro lado, o desenrolar do projeto mostra a **convicção no progresso**, bem traduzido na indispensabilidade desta obra e da inevitável conclusão da demolição do Convento de São Bento de Avé Maria e da sua Igreja, para a requalificação do *centro comercial* de acordo com os novos tempos.

Estava *lançada a pedra* para **outra imagem do Porto** que leva, atualmente, à leitura de **outro Marques da Silva**, implicando repensar a história e a modernidade.

A ação do jovem Marques da Silva encerra a agudeza de conciliar, com assertividade, a sua **lição de modernidade parisiense** com a condução do projeto e, sobretudo, com a sua interação no meio sócio-cultural onde pretende ser reconhecido e viver. Este conhecimento sábio do mundo e do contexto portuense, onde encontra os seus clientes, permite-lhe, ao reconhecer os limites de cada um, manter uma relação simultânea com o universo parisiense — com os colegas com quem se corresponde, de onde encomenda livros, catálogos e onde irá regressar diversas vezes — e com a elite da sociedade portuense, conservadora nos comportamentos e no gosto, que tendo casa na cidade sonha com os prazeres do campo. Se esta dicotomia é reveladora da **tensão** sobre a qual se ergue a modernidade e, em particular, a modernidade portuense, apesar das óbvias diferenças, é também uma marca presente na vida e no trabalho de Marques da Silva como arquiteto do século XX.

Afirmar que **Marques da Silva é um arquiteto do século XX** é, antes de mais, retirar a sua ação e obra de uma condição oitocentista restritiva, atribuída pela história convencional, para sublinhar o que nela se demarca como continuidade e afirmação de uma **condição moderna**, que estruturalmente se prolonga do século XIX pelo século XX. São outras leituras que pretendem ultrapassar a ideia de um tempo meramente de enunciação, de problemas e soluções, posteriormente retomadas com outro folgo pelo *verdadeiro* projeto Moderno. Este entendimento ortodoxo de Moderno, exclusivo no tempo e bem delimitado no espaço, mostra-se impertinente com leituras onde emergem **fenómenos híbridos** e por vezes contraditórios — como em Marques da Silva —, em processos de



Fig. 2 Convento de São Bento de Avé Maria, Porto. Fotografia Alvão



Fig.3 "Une Gare Central", Marques da Silva, Paris, Porto 1895-1896. FIMS_MSMS_1753-pd00011

continuidade e não só de rutura, em séries nem sempre lineares, onde os contextos e as circunstâncias são determinantes.

Pretende assim ler-se a obra de Marques da Silva **além do cânone académico** da sua formação, característico dos sistemas decorativos das fachadas das suas obras, para se centrar na substância dos dispositivos espaciais, já perspetivados em termos de **racionalidade e funcionalidade**. Esta arquitetura de continuidade com os ensinamentos clássicos assume a sua tradição metodológica, como garantia projetual na resposta aos novos desafios urbanos e construtivos, que lhe permite ser híbrida ao inovar.

Ao ler a obra de Marques da Silva como uma produção do século XX está, antes de mais, a considerar-se o **moderno como feixe de controvérsias** que atravessaram o século em diferentes rotas e estratégias. A aceitação desta amplitude permite ler os impasses que lhe encontramos — na repetição e hesitação de problemas/soluções, no classicismo da composição funcionalista da planta, no desenho híbrido irregular de obra para obra — não como constrangimentos, mas como efetivação de uma modernidade aprofundada, com tenacidade, numa solução projetual adequada aos propósitos e local. Esta posição, não se deve ignorar, conduziu à ampla aceitação da sua longa obra em diferentes circunstâncias e momentos históricos.

Refletir sobre esta condição da modernidade, ao **olhar a obra** de Marques da Silva, permite equacionar distintas interpretações da arquitetura portuguesa da primeira metade do século XX que, de novo, devemos visitar.

Livros de referência:

CARDOSO, António, 1997 (1992), *O Arquiteto José Marques da Silva e a arquitetura no Norte do País na primeira metade do séc. XX*, Porto, Faup Publicações.

RAMOS, Rui Jorge Garcia (coord.), 2011, *Leituras de Marques da Silva: Reexaminar a modernidade no início do século XXI: arquitetura, cidade, história, sociedade, ciência, cultura*, Porto, Fundação Marques da Silva